

Trinta e três anos depois

por Mário Soares

1. Trinta e três anos depois da luta homérica contra a unicidade sindical, com todas as consequências negativas que teve para a divisão sindical e política da Esquerda, o PCP parece não ter aprendido nada, demonstrando agora querer, como o Público de 26 de Janeiro último revela, transformar o líder da CGTP/IN, Manuel Carvalho da Silva, num "robot" ao seu exclusivo serviço. Pareceria não ser possível depois de tudo o que se passou – e perderam – mas é verdade! Voltaram à instrumentalização dos Sindicatos, como "correia de transmissão" do PCP.

O mundo está em acelerada mudança, como se sente e sabe. Está a despontar um mundo novo, anti-neoliberal, contra o capitalismo financeiro selvagem e as chamadas economias de casino, que tanto mal têm feito. Ora o que fazem os comunistas portugueses? Em vez de se prepararem para as grandes batalhas que aí vêm, sindicais e políticas, no respeito pelos seus aliados naturais e pelo pluralismo, metem a cabeça na areia, como a avestruz, recusam-se a ver as novas realidades do mundo de hoje, em plena transformação e, em lugar de lerem Marx, com os olhos críticos de hoje e terem em conta a tão valiosa experiência adquirida, desde então, continuam apegados à cartilha stalinista e metem-se no bunker, prontos a morrer na sua, com os olhos vendados ao futuro. É lamentável!

A tensão há muito existente dentro da Central tornou-se clara na perspectiva do Congresso da CGTP/IN, cuja realização está marcada para 15 e 16 de Fevereiro próximo, onde deverá ser eleita a nova equipa dirigente. Os comunistas parecem querer eleger uma lista sua, excluindo, com pretextos formais, os sindicalistas, mesmo antigos dirigentes, que não pertençam ao partido ou não sigam fielmente as suas orientações. Assim, Manuel Carvalho da Silva ficaria completamente prisioneiro da estratégia imobilista do PCP. Antes, a questão ter-se-á agudizado quando a CGTP/IN se recusou a pertencer à nova Confederação Sindical Internacional, criada em 2007, que integra sindicalistas de todo o mundo e de todas as correntes políticas. A recusa dos militantes do PCP, que integram a CGTP/IN, de fazer parte da Confederação Sindical Internacional, foi julgada muito negativamente pelos sindicalistas independentes e até por Manuel Carvalho da Silva que trabalhou, com grande empenhamento, nesse projecto de unidade plural, extremamente inovador no plano sindical, fundamental para fazer vencer, na Europa, a indispensabilidade de um verdadeiro modelo social europeu. Em suma, como escreve Nuno Pacheco, em comentário, aos textos aparecidos no mesmo jornal: o PCP, para mandar em absoluto na Inter, está disposto "a matar a galinha dos ovos de ouro..." Que falta de sentido político e de respeito pelos trabalhadores sindicalizados!

2. "Um país de mal dizentes e de lambe botas". Não partilho de uma visão derrotista relativamente ao Povo Português. Muito pelo contrário. Penso que o Povo Português tem um enorme bom senso e muita experiência acumulada ao longo dos quase nove séculos de história que tem atrás de si: uma cultura inata, que lhe faz escolher, normalmente bem, as opções a seguir, em especial nos momentos decisivos.

E, no entanto, há umas franjas, que às vezes se tornam muito visíveis, ainda que hiper minoritárias, de sinal contrário: os lambe-botas e os maldizentes. Os "lambe-botas" são os que estão atentos aos sinais do poder, sejam quais forem - político, económico ou cultural - para, em genuflexão, colherem umas migalhas que caíam do poder. Às vezes migalhas, outras grandes benesses, conforme o jeito e o estatuto dos artistas da genuflexão...

Por outro lado, os maldizentes profissionais, que se comprazem em dizer mal de tudo e de todos, em especial da Pátria. E dos governos, claro, sejam quais forem. Sem se importar com o que vem depois. É a política do quanto pior melhor. Por feitio, azedume, por estarem mal com a vida e com eles próprios...

Uns e outros são nefastos, naturalmente. Os lambe-botas mais do que os maldizentes. Mas deixemo-los falar, com a tolerância possível, enquanto a caravana passa...

Lisboa, 28 de Janeiro de 2008